





Dossier Somático

Educação somática e contribuições na democratização da educação em dança

Somatic education and contributions in democratisation of the dance education

por Adriana Almeida Pees

Palavras-chave: Body-Mind Centering; educação somática; dança; ensino formal; ensino informal.

Keywords: *Body-Mind Centering; somatic education; dance; formal education; informal education.*

Resumo

Partindo das relações da educação formal em dança levanto algumas questões. Qual o lugar que os programas de formação somática ocupam no Brasil? Como se dão as contribuições dos cursos profissionalizantes de educação somática como ação política e os fundamentos do ensino de uma sociedade democrática. Esses pontos permeiam esse artigo, bem como, a noção do surgimento e do desenvolvimento do programa credenciado brasileiro no método Body-Mind Centering.

Abstract

Based on the relationships of formal education in dance raise some questions. What place does the somatic training programs occupy in Brazil? How may the contributions of professional courses of somatic education as political action and the foundations of education in a democratic society. These points underlie this article, as well as the notion of the emergence and development of the Brazilian accredited program in Body-Mind Centering method.

O presente trabalho surgiu da proposta-tema para um dos seminários de educação somática da Universidade de Santiago, no Chile que aconteceu entre junho-julho de 2014. O tema sugerido foi: “Educação da dança contribuição da somática à democratização da educação da dança”.

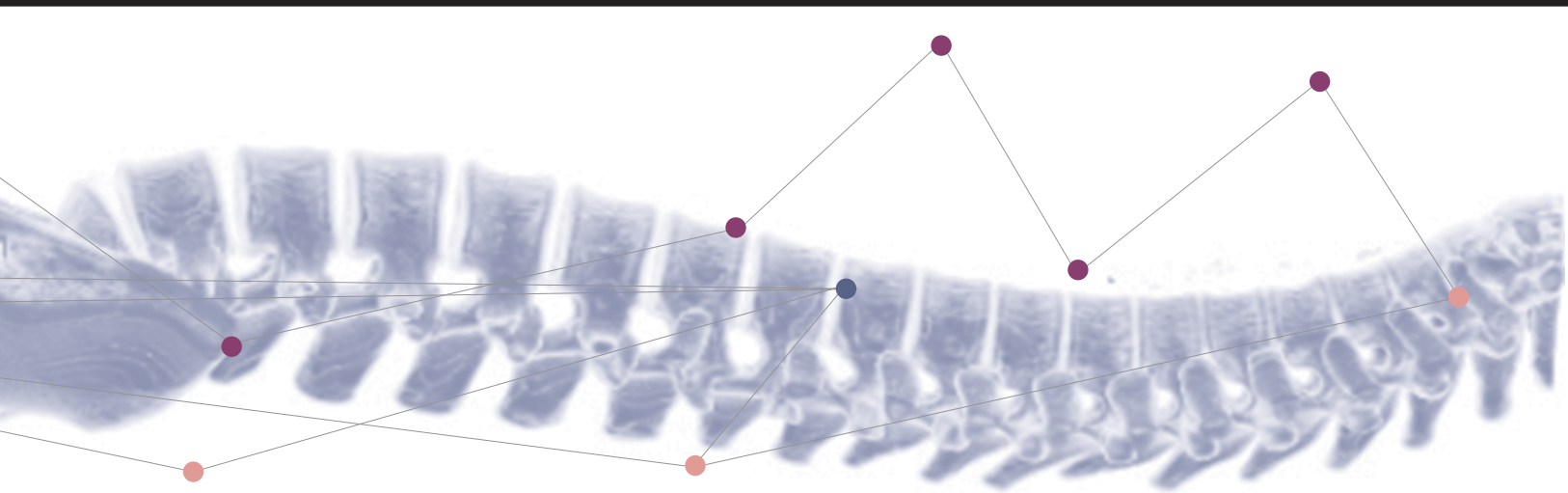
A partir deste ponto, tomo a liberdade de apresentar um pequeno recorte da realidade brasileira e o desenvolvimento do ensino da dança em cursos de graduações, não com um intuito histórico, mas sim com pistas para delimitar o período de aparecimento da atividade formal na área de dança brasileira. Partindo do ponto da educação formal em dança, levantam-se algumas questões: qual é o lugar que os programas de formação

em somática ocupam no Brasil? Como se dão as contribuições dos cursos profissionalizantes de educação somática e o ensino formal? Quais os possíveis campos de atuação de um educador do movimento somático¹? O quanto fundamentado se encontra o pensamento de um país colonizado e suas relações com os cursos profissionais da somática? Como se relacionam o campo da somática como ação política e os fundamentos do ensino de uma sociedade democrática?

Sabe-se que o Brasil é um país jovem, descoberto no século XVI e colonizado pelos portugueses. Portanto, em muitas esferas ainda domina-se o pensamento de um país colonizado e a educação formal e não formal não escapam a essas influências.

A dança profissional brasileira iniciou-se em 1927, com a abertura da Escola de Bailados do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e, portanto, isso ocorreu dentro de uma tradição de dança moderna do século XX (Navas, 2004). Muitos dos profissionais formados naquela época exerciam sua profissão transmitindo seus conhecimentos para seus alunos em escolas de dança. Isso explica por que por muitas décadas, o ensino da dança no Brasil ocorria por meio das academias de dança, as quais estabeleciam condições para o exercício de uma profissão, fazendo

1. *A pirueta de bola diz respeito ao corpo girar completamente apoiado na bola Suíça.*



com que muito desse ensino não formal em dança oferecidos pelas academias de dança, consolidasse a técnica do balé, as relações de domínio técnico e a hierarquia rígida pautada em um corpo mecanicista e virtuoso.

Navas (2012, p.3), explica sobre academias de dança no seguinte relato:

Diferentemente destes estágios inaugurais, nas sedes informais da multinacional da dança, a prática da dança despoja-se de estratégias artísticas da invenção que lhe foram estruturantes, agregando-se-lhe de maneira superficial os sonhos de construção de um ideal centralizado num tempo-espaço europeu da segunda metade do século XIX.

A partir dessa visão de corpo e idealização de modelos europeus na técnica do balé clássico, procedimentos técnicos e pedagógicos foram se estruturando, nos quais muitos dos professores não levavam em conta a individualidade do aluno, o conhecimento e a experiência de uma anatomia e fisiologia experienciada no corpo, o limite do corpo, mas sim impunham padrões e metas a serem alcançadas na maestria técnica do mover.

Pistas do surgimento do ensino formal em dança no Brasil

No final da década de 1950, a escola de dança na Universidade Federal da Bahia criou o primeiro curso formal de ensino em graduação em dança no Brasil. Houve, portanto, um processo lento de 30 anos para abertura de novas graduações da arte da dança, trajeto esse permeado por uma intensa história política econômica, considerando o período da instalação da ditadura militar, o qual durou 21 anos (de abril de 1964 a março de 1985). Esse regime censurava todos os meios de comunicação, suprimia os direitos civis, torturava cidadãos que se opunham ao governo, o que levou muitos intelectuais e artistas ao exílio. Na década de 1980, a ditadura brasileira entrou em esgotamento e a inflação mensal pairava no patamar de 70%. A moeda foi mudada várias vezes, o que se comprava em dia já não podia ser comprado pelo mesmo preço no outro, havia uma mudança diária na escalação dos preços e a economia sofria com falta de estimulação. Aos poucos, houve uma abertura, um período de redemocratização nacional. O povo foi à rua reivindicar eleições diretas, abrandamento da lei de anistia para crimes políticos e mudanças com restrições às liberdades civis, até culminar com eleições presidenciais com candidatos civis em 1984.

Foi a partir de 1980 que surgiram outros cursos de graduação de dança, como por exemplo: na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), na PUC/ Paraná – Fundação Teatro Guairá (hoje conhecida como FAP) e na extinta Unisantia (Faculdade Santa Cecília dos Bandeirantes em Santos). Da década de 1990 até o início deste século houve um aumento de oferta de bacharelado em dança em instituições formais privadas, tais como, Universidade Anhembi Morumbi, PUC/SP e mais tarde ainda na Escola de Angel Vianna - Rio de Janeiro (Navas, 2006).

Atualmente, percebe-se a oferta e a abertura de novos centros de ensino formal em dança em diversos estados brasileiros, bem como maior parte dos interessados procura, no setor de pós-graduações, mestrados e doutorados na arte cênica.

Períodos conturbados no ensino da dança

De uma maneira geral, depois de quatro anos de ensino formal da dança adquire-se o título de bacharel. Durante esse percurso, os alunos fluem numa gama de ofertas que vão desde domínio técnico do balé

clássico (corpo – máquina) até as técnicas modernas de dança que visam a obtenção de habilidades para a performance física e expressiva, como por exemplo das técnicas de Martha Graham, José Limon e Cunningham. Há ainda técnicas que visam o corpo na contemporaneidade, do intérprete-criador, visando sua autonomia, sua liberdade de criação individual e de possível contribuição cidadã (Navas, 2010).

Mas nem sempre foi assim. Sou “filha” e cresci num período de ditadura militar na cidade de São Paulo. Minhas opções para aprender dança não eram muitas: havia as academias privadas que ensinavam técnicas de dança clássica, ou as escolas de dança que ofereciam aulas de balé baseadas no método do Royal Academy of Dancing de Londres, ou ainda a escola municipal de bailados de São Paulo, situada no centro da cidade, Viaduto do Chá. Após um longo período de aprendizado, que poderia vir a culminar em formatura na escola de dança, o estudante, na maioria das vezes, adentrava em uma companhia de dança profissional e lá aprendia o ofício de um profissional da dança. Se o estudante não tivesse sorte ou talento para adentrar em uma companhia profissional, ele partia para abertura de academias próprias de dança, ou propunha-se a compartilhar o ensino com outras escolas de dança, na qual acabava reeditando modelos de aprendizado dentro das salas de aulas – pautados nos moldes apreendidos (cópias) durante a sua própria formação.

Considerando, que no período militar a oferta na área da dança brasileira era pautada em ideais de beleza e de técnicas como no balé clássico, poucas eram as possibilidades de aprender dança moderna ou educação somática no Brasil; não havia muitas escolhas, até porque o corpo do sujeito moderno pautado a expressar seu self², não vinha de acordo com as regras civis da ditadura. Todavia, percebe-se que durante o período de redemocratização nacional abriu-se aos poucos a oferta de aprendizado na área da dança moderna, bem como houve um maior desenvolvimento

de um sistema de educação somática pioneiro do brasileiro Kláuss Vianna.

Para tanto, tomo como ponto de partida os anos de 1980 e o surgimento de quatro novos cursos de graduação em dança já citadas anteriormente e as necessidades de liberdade de a população escrever sua história na (pós)modernidade. Portanto, essas universidades procuravam oferecer diferentes técnicas para um corpo-sujeito e diversos tópicos teóricos que viriam colocar o aprender da dança como um conhecimento de saberes acadêmicos, formando-se novas gerações de professores, pesquisadores e artistas da dança, o que coincide com as demandas do período com o culto ao corpo. Mais tarde, muitos desses professores vieram a lecionar ou coordenar cursos em outras graduações de dança em universidades privadas.

Aos poucos, com a formação de novos profissionais educadores brasileiros em diferentes métodos somáticos, iniciou-se o desenvolvimento de diferentes métodos nessa área, como por exemplo: Roling, Laban Bartenief, Eutonia, Técnica Alexander, Body-Mind Centering (BMC), dentre outros, que contribuíram com a difusão e a geração de uma oferta no mercado de trabalho pelo território nacional.

Caminhando para uma democratização do corpo

É possível falar de uma democratização do ensino da dança?

Primeiramente, na década de 1970 e no início de 1980, o pensamento e o fazer das disciplinas somáticas como ferramenta de uma autonomia do sujeito vieram contra as amarras de uma ditadura militar. Portanto, nesse período viu-se pouco o crescimento e a oferta de métodos somáticos no país, ao contrário do que acontecia em países liberais, como por exemplo os Estados Unidos e alguns países da Europa, nos quais o papel e a procura por esses meios ganhavam dimensões em vários setores educacionais e artísticos. Aos poucos os trabalhos

no âmbito da somática foram considerados como meio de atuação política e de produção cultural e artística no Brasil. A arte da/na somática não desmascarou a opressão corporal e humana vivida naquele espaço-tempo e assim não influenciou na redemocratização no ensino da dança.

Também é preciso considerar que as ofertas de aprendizado formal de educação na dança encontravam-se em universidades públicas, federais, escolas técnicas e faculdades privadas. Muitas vezes o acesso a esse aprendizado estava relacionado a um bom ensino fundamental e médio, o que na sua maioria era oferecido por escolas particulares que preparavam os estudantes para concorrer às vagas tão disputadas nessas instituições. Sabe-se, infelizmente, que muito ainda está por ser feito nessa área educacional no Brasil. Infelizmente porque o ensino básico estadual nem sempre possibilita preparar os estudantes a terem a possibilidade e o acesso a esses centros de formação, sem contar ainda com as possibilidades de utilização de “cotas” e de provas simuladas do ensino médio para elevar a pontuação dos estudantes na tentativa de conseguir uma vaga tão almejada nas universidades federais e estaduais no país. Nas faculdades particulares os alunos também precisam prestar o vestibular, realizar uma prova de conhecimento geral, na qual uma pontuação média é delimitada diferentemente para cada área de profissão, mas, diferentemente das instituições mencionadas anteriormente, paga-se mensalmente um valor bastante alto para poder conseguir o título de bacharel. Muitas dessas instituições particulares oferecem bolsa de estudos parciais ou até totais, reduzindo o valor mensal de pagamento, mas essas bolsas são revistas semestralmente e a situação de quem a recebe poderá tomar outro rumo, podendo o indivíduo ter que vir a interromper seus estudos e congelar a matrícula durante o período de sua formação acadêmica caso não consiga arcar com os custos.

A meu ver, não podemos nomear isso de democratização da educação

(tampouco da dança), isso não é democracia, pois está pautado na proteção dos direitos humanos fundamentais, como liberdade de expressão, religião, educação, saúde e de uma participação na vida política, econômica e cultural das sociedades. Ainda estamos em um período de concretização de democratização em diversos setores, e apesar do fim da ditadura militar ter completado seus 30 anos, ainda há rastros, encontros e imbricações diárias e institucionais de um pensamento de um país colonizado, resultando na opinião de que somente o que é do exterior é bom, e com isso muito há o que se fazer para uma melhoria saudável da identidade brasileira.

Apesar de todas as dificuldades encontradas atualmente no sistema educacional brasileiro e no ensino formal da dança, pensar no papel da educação somática como um meio de democratização e atuação cidadã do indivíduo para desenvolvimento de seus potenciais, de um aprendizado, de uma escuta corporal ativa pautada em suas experiências, pode vir favorecer reflexões como ampliar o campo de atuação da somática em diferentes comunidades com suas necessidades de integração racial, religiosa, enfermidades e outras esferas dos setores econômico, político e cultural, bem como um repensar da educação somática como uma ferramenta de inclusão e respeito ao ser humano. Portanto, o processo de democratização da educação somática deverá abrir novos espaços para revisar e equilibrar os parâmetros e pressupostos de avaliação do aluno no ensino formal, pautados ainda numa visão quantitativa, de notas e eficiência que não estão pautados no seu processo e descobertas individuais no seu caminho, seja como educador, intérprete-criador, pesquisador na arte cênica e de atuação fora das academias formais de ensino para achar o lugar da voz perante certas comunidades e propiciar que esse sujeito habite seu corpo. No entanto, temos de ter consciência de que estamos apenas iniciando o caminho e desbravando novas possibilidades de descobertas e de um pensar e fazer pós-colonial/ pós-ditadura militar.

Disseminação das sementes da área da somática

No início da década 1930 do século XX, surgem novos pioneiros na Europa e nos Estados Unidos desenvolvendo seus métodos a partir de uma necessidade individual de lidar com suas dificuldades de movimento e de autocura. Durante a Segunda Guerra Mundial alguns estudantes que tiveram contato direto com esses pioneiros migraram para outros países, levando consigo esses conhecimentos e ampliando ainda mais a pesquisa nesse método, bem como influenciando e possibilitando o surgimento de novas levadas de pioneiros e seus métodos.

Assim, alguns métodos de educação somática não são tão novos como muitos indivíduos pensam. O termo foi cunhado por Thomas Hanna, em 1976, o qual relacionou o sujeito como o próprio objeto de estudo do movimento, experienciado por si mesmo, e não por movimentos fora do sujeito como objeto.

No Brasil, o acesso às informações na área da somática propagou-se mais durante os anos de 1990 até atualmente, advindo de indivíduos que foram estudar e trabalhar em outros países. Muitos deles, após o período em que viveram no exterior, retornaram à sua pátria trazendo consigo experiências em algum dos métodos somáticos e outros acabaram retornando com uma formação na área de educação somática, a qual era oferecida em escolas de alguns métodos dos pioneiros brasileiros do movimento, ou mesmo novas gerações de discípulos que seguiram os passos do sistema Klaus Vianna ou ainda do método de reeducação postural de Ivaldo Bertazzo, além de colocar em questão a difusão das práticas somáticas ao ensino da dança não formal, influenciando diretamente no ensino formal da arte da dança.

Aos poucos, muitos dessa geração de profissionais passaram a lecionar em universidades estaduais/federais e faculdades privadas semeando o conhecimento prático-teórico a novas gerações de estudantes através dos seguintes métodos: Feldenkrais, Laban Bartenieff e Body-Mind Centering,

bem como pesquisando e produzindo conhecimento e integrando saberes em dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Para tanto, aumentou a oferta por cursos de formação profissionalizantes de educadores somáticos em diversos métodos oferecidos no território nacional. As demandas eram resultado de um caminho desbravador dos pioneiros brasileiros na formação profissionalizante de práticas somáticas.

Novos espaços foram instaurados entre a educação não formal (profissionalizante da área somática) e do ensino formal, a fim de cobrir demandas e necessidades de novos educadores atuarem em novos cursos de dança formal que estavam sendo abertos ou estavam em fase de planejamento em diferentes estados no Brasil.

Velloso (2013, p.62) sugere:

... a Educação Somática tem contribuído para a especialização de professores e artistas e para a criação de disciplinas nos cursos de dança incluindo abertura de concursos públicos para esse recorte específicos... realizados na Universidade Federal de Uberlândia e também do Ceará.

Início dos caminhos para chegar à oferta de um programa brasileiro no método Body-Mind Centering

Bonnie Bainbridge Cohen, na década de 1970, desenvolveu o método Body-Mind Centering nos Estados Unidos. Como parte da educação somática, o BMC trabalha com a premissa de que corpo e mente estão conectados e os seus sistemas entrelaçados. Assim, o método apresenta a visão de um corpo integral como forma interativa de expressão, em que há um fluxo contínuo de informações de dentro para fora e vice-versa.

No BMC, a investigação fundamental dá ênfase à comunicação entre o corpo e a mente, por meio da articulação

dos diferentes sistemas corporais, que são: ósseo, orgânico, celular, muscular, nervoso, embrionário, fluídos, dentre outros. Igualmente, trata-se de como essa integração entre os sistemas afeta a organização, a articulação e a complementaridade das vivências na relação entre a parte e o todo do ser humano, fazendo com que o indivíduo seja considerado um sujeito psicofísico somático e não um objeto disponível ao estudo do movimento humano (Pees, 2010).

Todavia, a oferta de um curso profissionalizante no método Body-Mind Centering no Brasil trilhou um longo caminho. Este foi sendo construído aos poucos, não se deu de um dia para outro. Alguns estudantes de dança paulistana vieram a estudar na SNDO. Essa instituição tinha como coordenadora Trude Cone, que formada como practitioner de BMC, implementou o método em algumas disciplinas da escola. Esses estudantes mais tarde lecionavam as aulas técnicas dessa, “nova dança”, no estúdio denominado de nova dança em SP e utilizavam alguns conhecimentos de exercícios e princípios do método.

Contudo, somente com a presença de profissionais formados na School for Body-Mind Centering (SBMC) no Brasil, como Marcia Monroe no Rio de Janeiro e Adriana Almeida Pees em São Paulo, é que se pode aos poucos construir um mercado de interessados no método. A partir de 2003, no Estado de São Paulo passaram a ser oferecidos cursos semanais regulares, workshops de diversos sistemas corporais em diferentes localidades, tanto em São Paulo como em outros estados no Brasil. De 2004 a 2007, advindo da necessidade do mercado, criei e ofereci minha própria formação, denominando de “integração do movimento somático”, com carga horária de 250 horas e duração de dois anos cada. Durante esse período, foram oferecidos dois grupos de formações, nos quais cada um dos módulos estava pautado em diferentes sistemas corporais e havia o convite para professores das mais diversas áreas da somática. Como o próprio nome da formação diz, ela estava pautava no método BMC mas

com diálogos de integração e múltiplas visões nas abordagens do tema por diversas perspectivas de métodos da educação somática, possibilitando criar um rede de conexões e trocas entre os profissionais da área.

O primeiro grupo de formação iniciou-se com 25 alunos, os módulos ocorriam mensalmente e havia períodos de aulas para integração e aprofundamento de cada módulo durante o ano. O segundo grupo foi destinado à formação com aulas regulares semanais e intensivos mensais em certos sistemas corporais.

Em 2002, duas novas brasileiras, Marila Velloso (Curitiba) e Tarina Quelho (São Paulo) iniciaram a sua formação de BMC na escola nos Estados Unidos e contribuíram também no ensinar e divulgar o método em suas cidades e âmbito profissional. Nesse mesmo período, a SBMC mudou o seu currículo abrindo a possibilidade do estudante fazer uma formação de dois anos, denominada de Educador do Movimento Somático (SME), abrindo a possibilidade de as pessoas fazerem os cursos do SME de modo independente no seu próprio tempo sem ter que seguir uma sequência, como era anteriormente, bem como, poder dar continuidade à formação de quatro anos como practitioner. Essas mudanças no currículo acarretaram a possibilidade de crescimento e possibilitaram que mais pessoas adentrassem e finalizassem seus estudos no método, pois anteriormente a 2002, caso alguém tivesse perdido algum dos módulos dentro do curso de practitioner, teria que esperar mais quatro anos para se formar juntamente com a outra nova turma.

Enquanto isso, algumas parcerias entre mim e Marila foram realizadas, e uma delas foi trazer o professor e antigo coordenador da SBMC, Mark Taylor, duas vezes ao Brasil. Em uma das vezes foi oferecido um workshop em São Paulo, na recém-inaugurada Sala Crisamtempo, e na outra vez, no SESC Consolação. O mesmo workshop provavelmente foi oferecido também na cidade de Curitiba, na Casa Hoffmam. Em 2007 as parcerias se estenderam e foi a vez de trazer o

alemão e coordenador do primeiro programa credenciado de BMC fora dos Estados Unidos, Jens Johannsen, que ofereceu um curso no SESC Santana e em outra localidade no Paraná.

Como coordenadora do curso livre de integração do movimento somático, decidi não mais oferecer este curso e iniciei um diálogo com a coordenação do SBMC, e idéias foram trocadas para que houvesse a possibilidade de ocorrer um curso credenciado de BMC no Brasil, bem como encontros e troca de idéias entre os estudantes brasileiros (Marila, Tarina e Adriana) no método nessa época na SBMC, considerando que já havia interesse suficiente de pessoas para com o método e a possibilidade de iniciar uma formação do mesmo no Brasil.

Durante o ano de 2006, durante o período de finalização de meu curso como professora de BMC, novamente foram alteradas as estruturas da SBMC. Bainbridge Cohen decidiu fechar a escola dos Estados Unidos a fim de poder focar em suas pesquisas e escritas. Em outras palavras, partiu-se para uma decisão de descentralização do ensino, não somente pautado na única possibilidade de formação nos Estados Unidos, mas sim, na possibilidade de que outros cursos credenciados em outros países que pudessem alimentar o trabalho iniciado por ela.

Da geração de professores formados em 2006 na antiga SBMC, desenvolve-se novos programas credenciados do método Body-Mind Centering na França, na Inglaterra e na Brastislava e, mais tarde, em 2009, no Brasil, juntamente com cursos credenciados já iniciados na Alemanha e na Itália.

3. SNDO: School for new Dance developmental in Amsterdã

4. Practitioner (praticante): indivíduo formado no curso de BMC de 4 anos.

A escola do BMC no Brasil tomando aparências latino-americanas

A formação do educador do movimento somático em BMC tem um custo alto, e conhecendo a realidade brasileira e a dificuldade financeira que encontramos em nosso país várias trocas de e-mails ocorreram entre mim e Bainbridge Cohen. Algumas das necessidades da nossa realidade eram: oferecer o curso com um custo menor do que em países com economias mais estáveis, autorizar que os alunos pudessem parcelar o valor dos cursos e possibilitar a finalização do pagamento da última parcela no mesmo mês em que o curso se iniciaria – fato que não ocorre em outras formações credenciadas, em que o valor total deve ser pago com antecedência de três meses antes do início do curso. Outra necessidade era ter um supervisor com experiência em modelos de formação dos cursos de BMC para dar apoio ao processo inicial do novo curso credenciado, mas o mais difícil no início era a necessidade de encontrar professores locais para oferecer essa formação. Havia somente eu como professora local e assim tínhamos que trazer sempre professores convidados da Europa ou dos Estados Unidos, o que aumentaria ainda mais o custo do programa, que já contava com um budget menor do que em outros centros de formação.

A tentativa do parcelamento dos cursos baseava-se na realidade financeira e tão comum à sociedade brasileira, já que como de costume os brasileiros parcelam suas contas em diversos meses. Contudo, o que acaba acontecendo no meio do caminho é ver os brasileiros “correndo atrás” do dinheiro para conseguir pagar o valor dessa parcela. Após as adaptações necessárias para que uma formação de BMC ocorresse no Brasil, partimos para o planejamento das datas.

A primeira turma de educador do movimento somático do método Body-Mind Centering estava inicialmente planejada para ocorrer de janeiro de 2009 a janeiro de 2011. Conforme moldes e experiências de outras localidades, ofereceríamos a formação em dois anos. Já de início, as dificuldades vieram à

tona, pois as inscrições não foram suficientes com o mínimo de três meses de antecedência, para que então começássemos a planejar e organizar as necessidades do módulo. Tentando evitar generalizações, isso parece uma peculiaridade brasileira, pois as pessoas não se organizam com antecedência, não assumem compromissos adiantados, até porque nem sempre é possível planejar-se financeiramente para arcar com a decisão. Por outro lado, vejo uma maneira de não comprometimento em fazer algo realmente ocorrer, talvez isso esteja imbricado e pautado na maneira do exercício de sua própria cidadania, já que esses direitos e deveres de uma sociedade democrática ainda estão por serem exercitados.

O cuidado e a responsabilidade com os outros, consigo e como as suas decisões afetam o sistema global. Uma ditadura acaba criando uma sociedade onde a luta pelo que seria coletivo e integral é abafada e o que se acaba criando é o famoso ditado popular “cada um que cuide do seu e vigie o outro que pode estar errado”. E em um sentido maior – eis aqui minha crítica – até o dever do voto pode ser visto como um modo de forçar a sociedade a pensar no coletivo e não um real direito dos indivíduos de exercer sua cidadania.

Partindo desse ponto, oferecer a formação também faz com que o educar dos participantes passe para outro nível: havendo respeito no acolhimento de novos membros em cada curso e bom trato com os mesmos, procurando o equilíbrio ético e de atitudes perante os novos iniciados ao método, levando em consideração que mesmo que novas pessoas adentrem no curso, essas não virão sem prévio conhecimento, não se comportarão como uma tábua rasa, mas sim espera-se que tenham abertura e coragem para lidar com uma nova situação, novo grupo, capacidade para o acolhimento e a flexibilidade de iniciar uma nova relação de aprendizado com o outro.

Todavia, um ponto importante nesse trajeto é o aprender a se comprometer em um exercício de atitudes éticas que são esperadas dos alunos e dos interessados no ingresso do curso.

Desse modo, vê-se a educação somática como ferramenta em uma democratização, que, por mais que se faça acessível aos interessados, demonstra o pensamento elitista de quem pode pagar e fazer o curso em pequenas demonstrações, como a não preocupação com o envio de todos os papéis oficiais para a inscrição. Considerando certas atitudes citadas, espera-se que os estudantes aos poucos possam discriminar seus atos e reorganizar seus padrões corporais com o meio que estabelece suas relações. Isso faz parte do ensino e de meios de avaliação dos estudantes durante o seu processo de aprendizado.

Pelo fato de o curso credenciado brasileiro do BMC, bem como outros tantos cursos profissionalizantes de educação somática, fazerem parte de uma zona “intermediária”, não sendo reconhecido pelo MEC, esses cursos se estabeleceram na área do ensino não formal, e, portanto, evidenciando algumas vezes as atitudes de alguns participantes na relação de participação no mesmo, em uma visão talvez inconsciente e não integrada, percebido em certas atitudes e padrões corporais que demonstram às vezes um posicionamento de superioridade quanto à possibilidade de consumo e presença no curso.

Caminhos percorridos

Portanto, aos poucos a escola de BMC no Brasil foi se desenvolvendo. Precisou de um tempo maior do que dois anos, como em outras localidades no exterior, para que a primeira turma pudesse se formar. Dentro dessa mesma turma e em diversos cursos, muitas pessoas ingressaram, muitas delas fizeram um ou outro curso, outros ingressaram em cursos nos quais quiseram aprofundar o conhecimento, e muitos por diversos motivos não tiveram a disponibilidade na agenda pessoal de participar do tópico. Alguns alunos (ou melhor dizendo, iniciantes de um processo de aprendizado formal do método pautado no aprendizado de técnicas e princípios elementares de reorganização corporal) continuaram a participar de outros cursos posteriormente oferecidos.

Os participantes recebem crédito educacional a cada participação de um curso individual e assim finalizaram a formação após terem completado todos os cursos requeridos e terem entregado no final o pacote de tarefas requeridas de seus estudos de SME.

Desse modo, criou-se uma rede e aos poucos se desenvolveu uma pequena comunidade BMC no Brasil e na América do Sul com bastante potencial de crescimento. Essa comunidade está permeada por pessoas de diversas áreas como fisioterapia, dança, teatro e psicologia, advindos de diferentes estados brasileiros e países da América do Sul, como Venezuela, Uruguai, Paraguai e Argentina.

Em abril de 2014 iniciou-se uma nova turma de SME, contando novamente com a oferta de todos os cursos até julho de 2016. Veremos aonde este caminho nos levará, mas percebe-se a necessidade de readaptação do curso e de uma descentralização da localidade da cidade de São Paulo para outros estados, possibilitando a ampliação para que outras pessoas possam vir a participar, e assim seja possível criar novas redes de apoio a alunos, formandos, graduados como educadores do movimento somático em suas regiões, bem como oferecer um perfil brasileiro na formação com suas multiplicidades culturais.

Durante o processo da primeira turma brasileira de SME, a coordenação sente muita gratidão por Marila e Tarina, pois o apoio delas foi de muita valia e fundamental para o início e o desenvolvimento do programa, seja nas assistências às aulas, tradução simultânea de professores convidados ou no apoio logístico e pessoal. Novas relações de confiança e respeito se estabeleceram entre nós. Em abril de 2013, elas finalizaram seus estudos e tornaram-se oficialmente professoras de BMC. A partir desse ponto, com mão de obra qualificada nacional de professores de BMC, poderemos repensar um novo modo de atuação, a fim de expandir e continuar a criar redes de apoios profissionais para dar um perfil brasileiro à escola, podendo ir além de uma visão de um país colonizado, onde somente os professores de fora são bons, criando e apoiando um desenvolvimento de trocas de saberes e competências, para que com isso possa estabelecer um novo espaço para o surgimento de uma identidade brasileira nesse processo


de estabelecimento dessa nova fase do curso profissionalizante de BMC no Brasil. Para que possamos continuar a graduar mais estudantes de diversos estados brasileiros, muitos desses alunos mestrandos, doutorandos e coordenadores de diversos cursos e universidades no país, esperamos que eles possam continuar seus estudos, seus processos e suas pesquisas no método, expandindo seus conhecimentos e experiências a outras localidades no território nacional, descentralizando o conhecimento entre o eixo São Paulo/ Rio de Janeiro, bem como vir a criar novas áreas de atuação da prática da área da somática entre diferentes comunidades.

Chegando a uma conclusão

Foi no fazer que descobrimos, repensamos e adaptamos o programa credenciado brasileiro de Body-Mind Centering em uma necessidade e realidade sul americana. Mas isso não implica uma maneira desprovida de ética, mas sim, a partir de uma visão de integração do sujeito consciente, não somente nas suas relações para com os diversos sistemas corporais, mas também consciente de sua atitude como cidadão e participante no seus direitos e deveres num processo de democracia.

Portanto, a educação somática pode vir a servir como um instrumento de democratização e ampliação da visão de ensino na dança, apesar de ainda sermos um país jovem nessa área. As práticas somáticas poderão ir além dos pontos tão conhecidos, tais como: evitar lesões; conhecimento pautado na anatomia e na fisiologia no ensino; aplicação em técnicas de dança; atuação como terapia corporal com um profissional qualificado possa vir atuar nessa área; compreensão/ reorganização de padrões corporais; bem como a utilização dos mapas corporais para o fazer artístico. Para isso precisa-se utilizar a vivência e as relações aprendidas dos estudos dos sistemas corporais do micro ao macro, praticando diariamente em um processo de democratização e reorganização de si, de sua relação com o ambiente e com os outros.

Muito ainda há por se fazer e descobrir, mas percebe-se a necessidade de que ocorra em breve uma articulação ou um encontro nacional entre os diversos cursos profissionalizantes da educação

somática para que seja possível repensar, trocar experiências, rever estratégias e necessidades de apoio mútuos, de tal maneira que possamos vir a criar novas alternativas de comunicação, de atuação, códigos de ética, de desenvolvimento e segurança de uma classe de profissionais perante uma associação nacional de educadores somáticos, para que nossa área não se perca no modismo que as práticas somáticas estão adentrando, como mais um curso a se fazer para o currículo e de uma ferramenta de técnicas e princípios específicos dos sistemas corporais que podem ser aplicados ao ensino da dança, e sim criarmos bases estáveis para o crescimento da área no Brasil.. 

Referências

- COHEN, B. B. *Sensing, Feeling, and Action: the Experimental Anatomy of Body-Mind Centering*. Northampton, MA, 1993.
- HANNA, T. *Somatics: reawakening the mind's control of movement*. MA. U.S.A. Perseus Books, 1983.
- NAVAS, C. *Interface com a pesquisa: questões de formação em dança*. In *repertório*, ano 7, n.7., UFBA. Salvador, 2004.
- NAVAS, C. *A arte da dança na universidade pública contemporânea*. In *Arte Contemporânea e suas interfaces*. V. 1, p. 99-105. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea/Universidade de São Paulo, 2006.
- NAVAS, C. *Centros de formação: o que há para além das academias?* In *Seminários de Dança*. V. 3, 2010, Ed. Festival de Dança de Joinville, Joinville, Santa Catarina.
- NAVAS, C. *Técnica, sistema, método em dança*. In *Anais do Congresso ABRACE- Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas*. Porto Alegre, 2012.
- PEES, A. A. *Body-Mind Centering® e o sentido do movimento em (DES) equilíbrio: princípios e técnicas elementares, na criação em dança, pela poética nas linhas dançantes de Paul Klee*. Tese (Doutorado em Artes) –Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- VELLOSO, Marila. *Combinações entre o ensino da dança e educação somática: tecendo pressupostos e problematizando entendimentos*. In RENGEL, Lenira; THRALL, Karin (Org.). *Corpo em cena*, v. 7, p. 61-78. São Paulo: Anadarco, 2013.
- *A arte da dança na universidade pública contemporânea*. Site: <http://www.cassianavas.com.br>. Acesso realizado no dia 21 de maio 2014.
- *Centros de formação: o que há para além das academias?* Site: <http://www.cassianavas.com.br>. Acesso realizado no dia 21 de maio 2014.
- *Interface com a pesquisa: questões de formação em dança*. Site: <http://www.cassianavas.com.br>. Acesso realizado no dia 21 de maio 2014.
- *Técnica, sistema, método em dança*. Site: <http://www.cassianavas.com.br> Acesso realizado em: 21 de maio 2014.

* ADRIANA ALMEIDA

Pees é doutora em Artes pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). Diretora do Programa credenciado Brasileiro do Método Body–Mind Centering, Professora certificada de Body-Mind Centering, Educadora do Desenvolvimento do Movimento Infantil, Terapeuta Crânio Sacral, Gyrotonic/ Gyrokineis/ Jumping Sliding Board/ Archway Master Trainer. Leciona em diversos programas credenciados de BMC na Europa e atua regularmente como professora convidada no Tanzquartier Wien, ImPulzTanz International Festival, Konservatorium Wien Private Universität, K3 em Hamburg e TanzLabor 21 em Frankfurt. E-mail: adriana@almeidapees.com. Sites: <http://www.corporalmente.com.br> e <http://adrianaalmeidapees.wordpress.com>.